

BRASIL - PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1908

N.º 218

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



o Rei de Portugal



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II

(Cliché de Arnaldo da Fonseca — Lisboa).

Em circumstancias verdadeiramente tragicas subiu ao throno o filho mais novo dos Reis de Portugal. Na tarde de 1 de fevereiro, quando a familia real regressava de Villa Viçosa, assistiu com sua mãe, no Terreiro do Paço, dentro de uma carruagem, ao barbaro assassinato d'El-Rei, seu pae, o sr. D. Carlos I, e de S. A. R. o principe D. Luiz Filippe, seu irmão.

Um attentado d'esta monstruosidade não o registava até hoje a Historia portugueza, nem tem similê na de outros paizes.

Em seguida a este duplo regicidio — porque o herdeiro da corôa sobreviveu ao pae durante alguns minutos — subiu ao throno ensopado em sangue o pallido infante, duque de Beja, cujos floridos dezoito annos viram de perto o pavoroso espectaculo que nunca mais se lhe apagará da retina e da memoria.

S. M. El-Rei o sr. D. Manuel II inicia com actos de justiça, de lei, de clemencia e de liberdade, o seu reinado. Nenhum cidadão amante da monarchia, nenhum portuguez amante da patria, deverá recusar, na esphera da sua acção, ao juvenil soberano o apoio sincero, ou da sua opinião, ou da sua confiança, ou do seu conselho, ou da sua actividade. A creança de hontem, homem de hoje, chefe do Estado n'um dos mais convulsos momentos da politica interna, El-Rei é, n'esta conjunctura grave, a suprema garantia das instituições, o penhor supremo da soberania nacional.



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I

Assassinado em Lisboa na tarde de 1 de fevereiro

(Cliché de Arnaldo da Fonseca — Lisboa).

El-Rei D. Carlos I — O Príncipe D. Luiz Filipe

Era singularmente dotado de qualidades raras o finado rei. Aguardista, músico, pintor, versado em todos os ramos de *sport*, sendo o primeiro atirador da Europa, falando com correção, com espontaneidade e por vezes com brilho, conhecendo, como a sua própria, as linguas franceza, ingleza, italiana, hespanhola e allemã, cultivando a musica, sendo um cultor apaixonado e erudito da sciencia oceanographica, em summa, tornando-se digno de figurar na primeira plana dos portuguezes que, pelo valor pessoal, honram o seu paiz, causará a admiração da posteridade que lhe arrancassem a vida por uma fórma violenta, e achar-se-ha em difficuldades, se não quizer dar á paixão politica de momento a sua verdadeira significação, quem pretenda explicar como é que portuguezes armaram o braço de revólver e carabina para attentarem contra a vida do seu rei.

N'um primoroso artigo, como todos que sahem da sua penna, o sr. visconde de Castilho traça em palavras justas, curtas e nitidas, a individualidade do defunto soberano e o perfil de seus filhos. Do monarcha, tão barbaramente assassinado, diz o illustre escriptor:

«El-Rei D. Carlos era sempre (todos o sabem) bondoso até ao extremo. Desejoso de disciplina, recuou sempre á ideia de derramar sangue. Convidado pelas leis, e mais de uma vez, para assignar sentenças que os codigos militares reconhecem ainda em casos graves,

recusou sempre firmal-as com o seu punho. Nunca sanccionou uma sentença de morte. E os seus gratuitos inimigos, que fingem reproval-as tambem, executaram-na contra Elle. Vejam a differença.

El-Rei D. Carlos (diga-se a verdade) apesar de apparecer muito, era mal conhecido do Publico; para muita gente era um problema. O defeito de El-Rei (perdõe-me a sua memoria) era uma especie de empenho, que parecia ter, de se mostrar indecifrável para a turba. Mas o que é bem certo é que os seus intimos o decitavam, e viam n'elle uma alma aberta, bondosa. Mil casos verdadeiros o poderiam provar.

O seu aspecto, ás vezes carregado, dava-lhe um ar impenetravel, que se prestava ás interpretações dos ociosos. Oh! mas n'aquelle Rei havia um coração paternal, occulto em ostensiva indifferença.

Ninguém é perfeito n'este mundo. Repetimos pois: o seu defeito era esconder em geral as suas qualidades. Repetimos tambem: na sua vida habitual, no seu ser domestico, havia muito e muito para louvar. Não tivemos a honra de conhecer El-Rei na intimidade; mas ahí estão os seus criados mais humildes, os seus ajudantes, os seus camaristas, os seus mordomos, que sempre, e onde fór mistér, confirmarão o que affirmamos. O Publico ignorava-o.

Quanto a intelligencia, possuía-a distinctissima. Quem tinha a fortuna de conversar um pouco demoradamente com Sua Magestade, percebia-a logo; e percebia tambem a cultura d'essa intelligencia, tanto pelo lado scientifico, como pelo artistico. Ahí estão os seus trabalhos oceanographicos, de que tanto murmuram os imbecis; ahí estão os seus livros n'essas dilíceis materias; ahí estão os seus quadros, a pastel e a aguarella, que o dizem bem alto.



Sua Alteza Real o Príncipe Senhor D. Luiz Filipe, com o grande uniforme de capitão de lanceiros

Assassinado em Lisboa na tarde de 1 de fevereiro

(Cliché de Arnaldo da Fonseca — Lisboa).

Quanto a coração, muitos factos bem significativos o poderiam demonstrar. Aqui basta um só:

Quando se celebrou o centenario do nascimento de Castilho, El-Rei mandou ao primogenito do poeta um retrato d'elle, que existia na Ajuda; ideia delicada, cuja espontaneidade mostra a comprehensão dos mais altos sentimentos do amor filial.

Ha n'isto tudo, que poderia ainda acrescentar-se, quanto basta para provar que esse Príncipe não era um banal.»

O filho primogenito do rei morto morreu com elle e como elle. Para o pae e para o filho foram as mesmas lagrimas, a mesma piedade os envolveu a ambos, o mesmo cortejo acompanhou os dois á basilica de S. Vicente.

Exemplo de ferocidade equal não o déra ainda a historia portugueza, e na dos outros povos não ha um que se lhe assemelhe.

D. Luiz Filipe morreu na idade aurea de todos os sonhos e de todas as illusões, duas ou tres balas arrancaram-lhe de chofre, com a mocidade, que era uma esperança, a vida que pertencia á nação.

Era um excellente moço; estudioso, intelligente, bom, perspicaz, toda a injustiça deixava uma impressão amarga no seu espirito juvenil, seduzia-o tudo o que elevava a alma e aspirava ao bem.

A Rainha, a mãe devotada, tão desgraçada hoje, fôra a directora espiritual dos seus filhos, e o mais velho era um producto perfectissimo da sua acção educadora.

Quando em 1906 o príncipe real foi sujeito a um exame de todas as materias que estudava, e deante de uma culta e privilegiada assembleia, elle, no paço das Necessidades, maravilhou pelo que sabia, pela precisão das respostas, pela diversidade de linguas em que ellas eram dadas, toda a attenção do paiz se voltou para essa creança de 18 annos, que estava preparando o espirito para ter direito completo a sentar-se um dia no throno de seus maiores.

E temos bem presente esse dialogo travado entre um jornalista e um servidor do Paço sobre a educação do moço príncipe.

Vem a proposito reproduzi-lo agora, porque elle lança uma luz perfeita sobre as faculdades de intelligencia e assimilação que caracterizavam esse rapaz tão cedo e tão tragicamente arrebatado á vida.

— Não calcula, dizia o jornalista ao seu interlocutor, a preocupação que avassala constantemente o luminoso espirito da soberana portugueza, para quem a Providencia foi tão prodiga em dotes de coração e de intelligencia no desempenho da sua nobre missão. São as duas grandes obras a que esta excelsa Senhora pareceu dedicar toda a sua existencia: a beneficencia e a educação de seus filhos.

— Foi Sua Magestade a Rainha quem contribuiu para que Suas Altezas fizessem estes exames annuaes?

— Segundo nos consta, por indicação do sr. Kerausch, — o distinctissimo preceptor austriaco, que notava nos príncipes uma intelligencia superior e boa vontade ao estudo, — foi resolvido que o Príncipe real fizesse annualmente, até aos 21 annos, um exame em

que manifestasse o seu aproveitamento nos estudos e a sua illustriação proficiente.

— E Sua Alteza tem um programma de trabalho em cada anno lectivo?

— Sim, senhor, e ainda mais, seria uma falta imperdoavel para quem o executa, se a Rainha não o visse cumprido à risca. Os principes levantam-se ás 6 horas, trabalham até ao meio dia, almoçam e pouco depois trabalham com os professores até ás 3 horas, saem a passeio, preferindo os passeios a pé pelos campos, até ás 5 1/2 da tarde, regressam ao Paço a esta hora e trabalham nas lições até ás 7 e meia, hora a que jantam.

— Que disciplinas tem estudado o sr. D. Luiz Filippe?

— Mathematica, com o sr. Marques Leitão; litteratura portugueza,

privelegiada do Principe Real. Isto passou-se com mais de uma pessoa. Decorrido pouco tempo, essas pessoas tinham de se collocar em guarda contra as objecções muito naturalmente apresentadas pelo augusto discipulo. Já não duvidaram, passavam sempre um mau bocado durante a hora em que tinham de lhe dar lição, porque, sob a minha palavra de honra, lhe garanto, que mais de uma vez os vi em cheque. E nem mais uma palavra sobre o assumpto. Talvez já tivésse dito demais.

Mas, appellamos ainda para o depoimento do sr. visconde de Castilho que tem auctoridade especial para falar do primogenito d'el-rei D. Carlos.

«Quanto ao Principe D. Luiz, diz o erudito auctor de *Lisboa antiga*, mal pôde quem estas linhas escreve referir-se a Elle, sem que-



Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia

(Cliché de Vidal & Fonseca).

com o sr. Oliveira Ramos; philosophia e direito, com o sr. Lopes Praça; topographia, balistica e tactica, com o sr. tenente-coronel do estado maior José Joaquim de Castro; geographia e historia militar, com o sr. Garcia Guerreiro; litteratura, geographia e philosophia da historia allemã, com o sr. Kerausch. Tem alem d'isso, diariamente, leitura obrigatoria de trechos sobre philosophia e dos principaes estadistas allemães e inglezes.

Como vê, é a instrucção que mais convem a um homem que tem a seu cargo a missão tão elevada de chefe do Estado.

— E' essa a orientação moderna do ensino dos principes?

— Não resta duvida alguma. Os principes não se preparam com exames nas universidades; precisam de ter conhecimentos mais profundos da psychologia dos homens e das coisas. Ainda ha pouco tempo essa questão muito debatida em França, a proposito de se apregoar em toda a parte que o imperador Guilherme fez um curso na universidade de Bonn, foi magistralmente tratada n'um artigo da revista *Je sais tout*.

— A proposito e para terminar, dir-lhe-hei o seguinte: havia alguém que duvidava e sorria, quando se lhe falava na intelligencia

a mais intima commoção lhe embargue a penna. Conheceu-o muito de perto; teve a honra de o tratar na intimidade, de o vêr desabrochar, de ser seu mestre.

Acompanhava paternalmente os seus progressos e jura, perante os contemporaneos, e a Posteridade, que n'aquella alma de mancebo se continham os predicados moraes de um futuro grande Rei.

Ninguem mais lhano e affectuoso do que Elle; ninguem mais cheio de boas intenções. Tinha toda a elegancia da bondade (permitta-se esta phrase), todos os resguardos de um bem intencionado, todas as tolerancias de um christão.

A' meza do estudo, docil e attento, escutando as prelecções de um estudioso que (á falta de outros meritos), possuia a experiencia, e lhe falava sempre franco, á maneira de um avô com um neto, era para vêr a sagacidade com que pedia explicações, e acompanhava de commentarios sensatos as palavras do seu mestre.

Com os seus servidores era polidissimo, agradecia sempre, com o seu sorriso de Principe benevolo, o minimo serviço que lhe prestavam, um livro que mandára buscar, uma carta que lhe traziam, a minima coisa.

Já cultíssimo, apesar dos seus poucos annos, senhor da Historia patria, da Geographia, do Desenho, da Mathematica, etc., falava como um nacional o francez, o inglez, o allemão, além de peritissimo no jogo das armas, na equitação, em todas as prendas de um homem da sua esphera.

No que dizia, e no que sabia calar por polidez, era um verdadeiro homem do mundo, elle que do mundo apenas conhecia os primeiros passos.

Na sua figura nobre e attrahente revelava-se o Grande e o Bom. A sua lembrança ha de ser, para os ultimos annos do auctor d'este fugitivo artigo, uma saudade sem fundo.»

d'animo que tão superiormente a Rainha tem manifestado, soffre horrorosamente a desgraçada princeza.

Valem-lhe muito, é certo, os confortos da religião, a sua crença christã, tão sincera e tão profunda, reanima-a, fortalece-lhe os nervos, insufla-lhe a vida, que, sem ella, já porventura teria baqueado ante catastrophe tamanha. Os que vivem mais na sua intimidade é que dão, aos seus amigos e familiares, testemunho do infinito soffrimento da Rainha, que está desfigurada, cadaverica. Sabe-se agora que o primeiro movimento da sua alma confragida foi no sentido de deixar Portugal e levar consigo o filho que lhe restava. — Não, não, dizia a angustiada mãe, n'um momento de quasi allucinação, não quero



Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia

A Rainha

MATER DOLOROSA

Não obstante a sua firmeza apparente, a sua attitudo heroica perante os cadaveres de seu marido e de seu filho, attitudo que tem feito o assombro do mundo inteiro, e que, na presença de Sua Magestade puderam constatar os principes estrangeiros e outros representantes das varias potencias, não obstante essa grandeza

que tambem m'o matem. Vou viver com o meu filho fóra de Portugal. — Mas sua augusta sogra, a rainha D. Maria Pia, com a alma alanceada tambem pela perda de seu filho e de seu neto, conseguiu demover do seu proposito a Sr.^a D. Amelia, fazendo-lhe ver que essa creança de 18 annos, que era um penhor da patria, não lhe pertencia só a ella, tambem pertencia á nação. E a pobre mãe, *mater dolorosa*, d'esse momento em deante, tem sido sublime de estoicismo e de grandeza. A sós, ou cercada dos seus familiares, é que a sua desventura explue.

De noite — nenhum jornal o contou ainda, mas disse-m'o uma das suas damas com as lagrimas nos olhos — de noite a Rainha levanta-se tres e quatro vezes, e pé ante pé, não acorde aquelles que no seu doloroso sonho talvez não durmam ainda o somno da morte, vae ao



Sua Alteza o Senhor Infante D. Alfonso, fardado de coronel do exerciço hespanhol

(Cliché de J. Fernandes — Lisboa).

quarto d'El-Rei seu filho, saber se ainda vive, se ainda o não mataram... como ao outro!

A despedida dos regios cadáveres foi para os que a presenciaram um espectáculo lancinante. Num silencio sepulchral, apenas cortado pelos gemidos surdos da Rainha e por orações que ella balbuciava, de joelhos, olhos fixos nas sagradas urnas que a bandeira nacional cobria, duas horas se conservou n'esta attitudo recolhida, em que pela ultima vez se despedia dos entes queridos, e ao erguer-se, n'um movimento resolutivo que traduzia um pensamento indecifrável e uma vontade de ferro, a Rainha acercou-se mais dos caixões funerarios, traçou com a mão uma cruz e fez um juramento intimo, sagrado, religioso, que só a Deus confiou...

Depois, erecta, dominando absolutamente a sua angustia inenarravel, n'um gesto de tragedia antiga, a rainha deixou esse logar de morte, e recolheu-se aos seus aposentos. Não estava, porém, apagada ainda a crise d'esta via dolorosa. Era forçoso que não anoitecesse o dia terrivel da separação sem que acabasse de lhe retallar o coração um golpe mais. Foi quando lhe apresentaram as bandeiras que recolhiam da basilica de S. Vicente, aquellas que eram o symbolo da patria, e que durante oito longos dias de gemidos e de lagrimas cobriram os corpos martyrisados do esposo e do filho.

N'um movimento sólfrego, indescritivel, a Rainha arrancou-as da mão do camarista que as levava e phreneticamente, angustiosamente, beijou-as, apertou-as ao coração, humedeceu-as com as suas

lagrimas, santificou-as com as suas orações. E' que esses dois pedaços de panno eram n'esse momento para a Rainha o symbolo augusto da patria portugueza, para a viuva e para a mãe a ultima recordação, o resto sagrado do que d'elles restava, de ambos, porque ambas ellas tinham coberto os despojos queridos.

Jayme Victor.

El-Rei D. Manuel

Empunha o sceptro e senta-se no throno de Portugal uma creança de dezoito annos. Oxalá o Destino resgate fartamente com horas de jubilo e de felicidade, para elle, para a sua augusta familia e para o povo portuguez, a hora amarga em que viu correr ao seu lado ondas de sangue, em que viu o pae assassinado, assassinado o irmão, e em que a mãe, symbolo sagrado da desventura, sentindo n'um momento tragico a maior dôr humana, pretendia ainda salvar da morte com supplicas e lagrimas, que nem Deus nem os homens ouviram, os entes queridos, que a fatalidade esmagava no mesmo abraço pavoroso.



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos, fardado de coronel do exercito hespanhol

(Cliché de Arnaldo da Fonseca — Lisboa).

Attenua a benignidade do Destino a recordação d'esse momento, aligeirem os fados propícios o peso d'essa corôa e que o infante D. Manuel, que se alistou na armada real para dar a esta heroica e linda terra de marinheiros o concurso da sua intelligencia e do seu patriotismo, se prolongue no rei, de que Portugal precisa, bondoso, liberal, respeitador da Lei, amante da patria.

E, visto que ao falarmos do Principe Real, reproduzimos a conversação que tivera um jornalista com um official do paço, justo é que da mesma época deixemos aqui transcriptas as palavras trocadas entre os mesmos acerca d'aquelle que era então o Senhor Infante e que é hoje o Rei de Portugal.

— Sua Magestade a Rainha, dizia elle, cuida da educação de seus filhos como mãe carinhosa e como soberana de Portugal. Não gosta que lhe façam elogios que os envaideçam; é a primeira sempre a interessar-se pelo bom aproveitamento escolar dos principes.

— Que disciplinas estuda o Senhor Infante D. Manuel?

— Sua Alteza cursa portuguez, francez, latim, inglez, mathematica, desenho; dá a sua lição de musica, de esgrima, de gymnastica, de equitação, e, uma vez por semana, aula de dansa... Quer os nomes dos professores? Olhe: o austriaco, — a quem, por signal todos chamam allemão, e até nós, no Paço, — sr. Kerausch, que é o perceptor; o padre Fiadeiro, Alfredo King, Boyer, Marques Leitão, Casa Nova, Antonio Martins, D. José Manuel, Rey Colaço e Zenoglio.

— Diga-me a vida intima do Infante, como passa as suas horas.

— Levanta-se cedo, toma banho; depois tem duas lições, alternadas; um pouco de estudo preparatorio; ao meio dia, almoço; uma hora de intervallo e lições até as cinco da tarde. Devo dizer-lhe que Sua Alteza é de uma grande vivacidade e tem uma predilecção especial pela musica antiga. E' muito affavel e enthusiasma-se facilmente. Todos os annos, um mez, mez e meio de férias, que se passam em excursões ás Caldas, ao Bussaco, a outros pontos do paiz; mas o centro de operações é quasi sempre n'aquellas duas regiões.

Os principes são sempre acompanhados n'estes passeios, ou pelo sr. visconde de Asseca ou pelo sr. coronel Antonio Costa.

E' muito prompto na replica o sr. Infante D. Manuel. Uma anedocta, por exemplo:

Na ultima batalha de flores, um cavalheiro, bem vestido e grave, approxima-se da carruagem do principe e curvando-se, entregando uma rosa:

— Vossa Alteza troca-me esta rosa por um ramo de violetas?

O principe escolheu o melhor. O cavalheiro curvou-se outra vez:

— *Merci*, obrigado.

Ao que o infante respondeu, sorrindo:

— *Pas de quôí*, não tem de quê.

Era uma resposta á lettra, — e cheia de perspicacia e finura.

A disciplina d'espírito do novo rei

Querem ver como é ponderado o espírito do rei, essa creança intelligente, fadada quem sabe se para grandes se para tristes destinos?

No primeiro conselho d'Estado a que presidiu escutou os velhos conselheiros com uma attenção religiosa.

— E' então o José Luciano de parecer que seja o Ferreira do Amaral, etc., etc., e resume o discurso que acaba de ouvir.

A seguir volta-se para o chefe regenerador e diz-lhe:

— E' então o Julio de Vilhena do mesmo parecer do José Luciano ácerca do Ferreira do Amaral, etc., etc.

Pára um momento, num pensamento recolhido, e a seguir, dirigindo-se a ambos ao mesmo tempo, pergunta-lhes de chofre:

— Muito bem. Agora desejo eu saber: e se o Ferreira do Amaral não acceitar?



Sua Alteza o Príncipe Real Senhor D. Luiz Filippe

Como o sr. José Luciano fosse o primeiro a falar e indicasse o conselheiro Ferreira do Amaral para assumir n'este momento difficil a presidencia do governo, e se seguisse o sr. Julio de Vilhena na mesma ordem de idéas, o joven monarcha, toda a attenção fixa nas palavras e razões dadas por um e por outro, volta-se primeiro para o decano do conselho d'Estado e diz-lhe:

— E' hypothese que não se dá, meu senhor, accudiu logo o sr. José Luciano, desde que V. M. invoque o patriotismo d'esse honrado e fiel amigo da monarchia.

— Está muito bem, concordou o rei.

Esta ponderação, esta disciplina de raciocinio impressionou agradavelmente todo o conselho d'Estado.



Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos

(Cliché de Arnaldo da Fonseca — Lisboa).

A familia real no Porto, no anno de 1887



1.º plano da esquerda para a direita: — S. M. a Rainha D. Maria Pia tendo ao collo o Principe D. Luiz Filippe, a Senhora D. Amelia (então princeza real) e El-Rei D. Luiz I.

2.º plano da esquerda para a direita: — D. Francisco d'Almeida (fallecido), Conde de Tarouca, El-Rei D. Carlos (então principe real), Conde de Ficalho (fallecido), Condessa de Mossamedos, Infante D. Affonso, Conde de Mossamedos, Condessa de Seisal, Conde de S. Mamede (fallecido), Duval Telles (fallecido) e Benjamin Pinto.



D. Isabel Saldanha da Gama

Aia do Principe Real
Senhor D. Luiz Filippe

O novo ministerio

Conselheiro Ferreira do Amaral



Presidente do conselho e ministro do reino

Conselheiro Manuel Alfonso Espregueira



Ministro da fazenda

Conselheiro Sebastião Telles



Ministro da guerra

Conselheiro Augusto de Castilho



Ministro da marinha

Conselheiro Wenceslau de Lima



Ministro dos negocios estrangeiros

Conselheiro Campos Henriques



Ministro da justiça

Conselheiro Calvet de Magalhães



Ministro das obras publicas

OS MINISTROS

Ferreira do Amaral

O velho marinheiro, habituado a affrontar o perigo — como elle mesmo o disse — não podia recusar-se a acceitar a tarefa espinhossissima de presidir a um governo, n'este momento grave. Foi invocado o seu patriotismo, tantas vezes provado, e quem o invocou foi El-Rei.

Velho amigo e servidor de seu augusto pae, antigo ministro da monarchia, presidente da mais benemerita associação que Portugal possui, occupando na marinha portugueza o mais alto logar hierarchico, e tendo servido o paiz sempre com honra, zelo e dedicação, em commissões de responsabilidade, tanto na metropole como no ultramar, o vice-almirante Ferreira do Amaral, assumindo a presidencia de um governo de acalmção, na hora mais revolta da historia dos ultimos annos, corôa com um serviço do mais relevante patriotismo, a sua vida publica, honrada, trabalhosa e fecunda.

Campos Henriques

Duas das mais prestigiosas figuras do partido regenerador fazem parte do governo actual. Sendo de sacrificio e de abnegação o momento, não podia o velho partido, que nem mesmo nos mais renhidos combates da politica deixou de defender a monarchia, pela qual sempre lealmente pugnou, eximir-se a prestar o seu concurso directo na governação publica.

O sr. conselheiro Campos Henriques é uma d'estas individualidades que se impõem á consideração de todos pela cultura da intelligencia, pelo fino tacto de estadista, por serviços á nação, que elle ama profundamente, prestados tanto na magistratura como na gerencia dos negocios publicos, e por taes primores de educação pessoal, que nem mesmo entre os adversarios conta um inimigo.

Manuel Affonso Espregueira

Nas mãos seguras e firmes do velho ministro progressista está pela terceira vez a pasta da fazenda. Assumindo-a n'este momento, o sr. conselheiro Espregueira prestou um serviço relevantissimo, mais que ao seu partido, á monarchia e á patria.

Timoneiro de confiança, perito de competencia provada, elle saberá conduzir a porto seguro a barca das finanças, avariada pelos solavancos que soffreu no mar tormentoso da ultima administração.

As palavras, que a imprensa acaba de reproduzir, ditas a um jornalista estrangeiro pelo novo ministro da fazenda sobre a situação politica e financeira do paiz, provam á evidencia a largueza das suas vistas, a comprehensão das suas responsabilidades, e a nobreza dos seus sentimentos patrioticos.

Sebastião Telles

Outro sacrificado. Outro elemento valioso do partido progressista, com que o sr. conselheiro José Luciano de Castro quiz fortalecer o actual ministerio. Não assume, felizmente, pela primeira vez a pasta da guerra, e dizemos felizmente, porque nenhuma outra carece, como esta, nas circumstancias de momento, de tacto apurado, de energia, casada com prudencia, de fina observação, de profundos conhecimentos militares e de prestigio politico.

Ninguem contestará que estes predicados se reúnem no sr. conselheiro Sebastião Telles e que, portanto, foi acertadissima a escolha do seu nome para a pasta da guerra.

Wenceslau de Lima

Pelos seus talentos, pela sua finura diplomatica, pelos seus serviços, em tantas conjuncturas internacionaes prestados em anteriores ministerios, a personalidade politica que neste honrado governo mais se impunha para assumir a pasta dos estrangeiros, era, sem a menor duvida, o sr. conselheiro Wenceslau de Lima. Elle foi um amigo pessoal do finado rei, elle é um servidor leal da monarchia, é um portuguez de coração e alma, porá conseguintemente a sua força e todo o seu prestigio ao serviço do throno, que uma convulsão sangrenta tornou neste momento mais respeitadô e querido de todos os que amam até ao sacrificio a sua patria.

Augusto de Castilho

Elle é neste momento o chefe da armada portugueza. *Par droit de conquête*, ninguém ainda com mais justiça occupou este logar. Quasi todos os paizes da Europa lhe encheram de condecorações o peito, dentro do qual palpita de amor patrio um grande coração de portuguez. Official de marinha, é larga a sua folha de serviços, governador no Ultramar, deve a patria assignaladas victorias á sua coragem civica e ao seu tino administrativo. Escriptor, o seu nome é toda uma tradição gloriosa, realçada pelo valor proprio e inconfundivel. E se tantos titulos não bastassem para marcar a individualidade do contra-almirante Augusto de Castilho, uma pagina bastava para perpetuar-lhe o nome atravez da Historia: foi a que elle escreveu, na bahia do Rio de Janeiro, n'esse dia inolvidavel em que magnanimamente roubou á morte, com o risco da liberdade e da vida, centenas de cidadãos brasileiros, que lhe pediram refugio.

Que estas palavras de justiça e de verdade nos sejam permitidas a nós, hoje, que os serviços officiaes do ministro da marinha o afastam temporariamente da direcção do *Brasil-Portugal*, que ha 9 annos elle honra com o seu nome, com a sua camaradagem e com a sua dedicação.

Calvet de Magalhães

Dos homens que assumiram o governo da nação, é o sr. conselheiro Calvet de Magalhães um dos dois que por essa via, agora mais dolorosa que nunca, não passára ainda. Tanto maior o serviço abnegativo que presta, e a que não podia recusar-se, porque o chefe do governo, ao convida-lo para a pasta das obras publicas, invocou ao mesmo tempo o nome da patria e a sua velha amizade pessoal.

Funcionario dos mais prestimosos do Estado, oxalá que na administração da sua pasta tão complexa elle vença obstaculos e preste serviços como os tem vencido e prestado no elevado cargo que exerce na administração das alfandegas do reino.

Os retratos d'El-Rei D. Carlos e de seus filhos

Publicamos hoje os ultimos retratos tirados pelo finado rei D. Carlos e por seus augustos filhos. São photographias magnificas, as melhores que d'aquelles principes existem, e que abonam os creditos artisticos de Arnaldo da Fonseca, cujo atelier, na rua Nova do Almada, foi mais de uma vez honrado pela visita do fallecido monarcha.

O numero seguinte do "Brasil-Portugal"

Não poderam ter cabida n'este numero por absoluta falta d'espaco muitos dos assumptos que se prendem com os extraordinarios acontecimentos d'estes dias. Reservamos, portanto, os principaes d'entre elles, para o numero immediato.



Conselheiro João Franco

O ultimo presidente do conselho no reinado de D. Carlos I

O funeral



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real
Na capella das Necessidades

S. R. o Principe Real

Nenhum facto tem impressionado tanto a alma portugueza, sempre tão boa e generosa, como o attentado sangrento do dia um do corrente mez de fevereiro, do qual foi uma das victimas innocentes o desgraçado principe real D. Luiz de Bragança.

Não nos sentimos com força para abriremos as portas da historia ao mallogrado principe; mas, assim como o mathematico pela combinação dos algarismos chega á deducção positiva, nós iremos, sem nos deixarmos dominar pela cegueira do coração, apresentar alguns dos numerosos factos mais salientes da vida d'este desditoso rapaz, com a narrativa singela dos quaes, os temperamentos ainda os mais frios e impassiveis hão de certamente lamentar a morte de quem nunca soube o que era a vida e passou toda a existencia a preparar-se, para o duro officio de reinar.

Foi injusto o destino. Só Deus o sabe e os factos é que o hão de

indicar; por agora o que é certo é ter sido a magua pungentissima, não só para todos de quem elle era o enlevo e que tinham a honra da sua convivencia intima, como tambem para os que mal o conheciam de relance.

Quando se morre em pleno desabrochar da mocidade, quando tudo é azul e esperanza, illusões, com vinte e um annos incompletos, na aurora esplendida dos sonhos, e quando, apesar de uma tão curta idade, se vê uma cabeça tão ponderada e reflectida, pender inanimada com o cerebro esphacelado por uma bala, só corações de feraz é que não sentirão compungir-se com tão dolorosa tragedia.

Quasi toda a vida entregue ao estudo e ao trabalho, uma mocidade cheia de extremosas dedicações e de douradas esperanças, toda a bondade, toda a candura, tudo o que a alma contém de mais limpo e de mais sonhador, tudo a impiedade de uma morte brutal prostrou n'um angustiado e subito momento!

Não ha duas opiniões discordantes, entre todas as pessoas que conheciam o principe herdeiro. Primorosamente educado, grave, sem affectação e affavel, consciencia equilibrada e justa, imaginação viva e sem chimeras, D. Luiz Philippe de Bragança era muito egual, muito respeitador para com seu pae, sempre bem humorado, um caracter de meias tintas, talvez um pouco brando, mas excellentemente dotado. A sua indole era muito temperada e suave. Era um delicado e a tonalidade da tristeza esbatia-se n'um accento permanente.

Ultimamente vivia muito preocupado e parece que o coração d'esse pobre rapaz, que tanto se assemelhava a D. Pedro V, batia um dobre de finados.

Nada afflige mais o homem do que a duvida, quando o que o rodeia não obedece ao que pensa ou ao que sente.

Tambem por ultimo, a imaginação tinha-lhe feito viver já uma longa existencia de pensamentos, presagios e angustias e como regra não abandonava o pae, acompanhando-o frequentemente — o que d'antes era raro vêr-se — nos passeios, em automovel, até ao dia fatal em que morreu nobremente no seu posto, tentando salvar-lhe a vida, debruçado sobre o seu corpo.

O mallogrado principe teve a principio uma confiança illimitada em João Franco, quando o ouviu apregoar o seu programma de liberdade, justiça e moralidade; mas mudou de pensar, quando o viu nortear-se pelo regimen das violencias; era contrario a tudo quanto se passava actualmente na vida politica portugueza assim como ao que representasse uma extorsão. A propria litteratura que tivesse um caracter violento impressionava-o profundamente, e como norma collocava-se sempre ao lado do mais fraco. Ha bem pouco tempo, quando viu que a situação se agravava, em vista da attitude energica dos partidos contra a liquidação dos adeantamentos, dizia o principe muito preocupadamente a um dos seus grandes amigos: — Você que lhe parece? — Isto estará tudo perdido?

O principe conhecia a historia e sabia que são muito graves as questões financeiras das casas reaes, mas apesar de todos os seus receios, era tal o respeito que tinha pelo pae, que nunca interveio em cousa alguma que se relacionasse com os ultimos acontecimentos.

Como dissemos, as qualidades do principe real tinham numerosos pontos de contacto com as de D. Pedro V; porque era um temperamento observador, grave, e impressionado desde creança pelos episodios da historia; pouco expansivo, mas muito amigo do seu amigo.

Ouvia attento as lições dos seus professores, com aspecto grave, denunciando uma intensa actividade no seu cerebro. Quando por incidente lhe falavam n'alguma irregularidade que se dava na administração dos negocios publicos, o principe muito ingenuamente perguntava: — O que? Pois isso faz-se? — Faz-se não só isso, mas ainda



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real
O sr. arcebispo d'Evora sahindo do Paço



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real
A' entrada do Paço das Necessidades,
Conde de Jimenez y Molina, Conde de S. Luiz,
Marquez de Guell, etc.

(Clichés de A. C. Lima).



(Cliché de Benoliel).

Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real

Embaixador da Bulgaria e officiaes allemães do regimento de que El-Rei era coronel



Officiaes da embaixada hespanhola que acompanhava o Principe Fernando da Baviera, representante do Rei de Hespanha

peior, lhe retorquia a alguém, só que fazia provocar um accentuado protesto, e pela insistencia d'estes factos, se explica a confiança em João Franco, que lhe era annunciado como um modelo de virtude e moralidade.

Alguem leu-lhe n'uma occasião, o relatorio de D. Pedro V, ácerca

seu tio avô, que tanto se interessava pelos negocios publicos. O que ninguém poderia presumir é que se dêsse a notavel coincidencia de El-Rei D. Pedro V e os principes terem ido a Villa Viçosa caçar e voltarem de lá envenenados pelos miasmas de um charco dos jardins e que o seu sobrinho e admirador D. Luiz Filippe de Bragança tivesse encontrado tambem a morte tão prematuramente, no regresso de uma caçada das tapadas de Villa Viçosa!

D. Pedro V morreu com vinte e quatro annos de idade, estremeado pelo povo que amava a bondade e a justiça de um rei pensativo triste, cuja vida ficou traçada nas paginas da historia como um incidente perenne de esperanças. O principe D. Luiz de Bragança, só muito fugitivamente apparece na historia regendo o reino, durante dois periodos muito curtos; mas alguns episodios se deram, por essa occasião que mostraram o seu interesse pelos negocios publicos e que poderão ser confirmados pelos ministros de então.

A D. Pedro V roia-o um remorso inconsciente que o fazia apparecer bisonho e triste — e como diz Oliveira Martins — com um sorriso doentio na face, a mudez nos labios, no olhar o quer que é de somnambulismo. D. Luiz Filippe era dotado de um temperamento meditativo e parece que as suas apprehensões se agravaram intensivamente na razão directa do augmento da sua cultura intellectual. Parece que uma luta se travava entre o seu cerebro e o seu coração. Infeliz rapaz!

O principe estudante

Como se sabe, o desventurado principe herdeiro da corôa de Portugal levou toda a sua existencia a preparar-se para reinar. Sua Magestade a Rainha, a augusta mãe, que, pelo doloroso transe porque tem passado, inspira um profundo sentimento de respeito na sua magua infinita, que a tem transfigurado n'uma estatua de dôr, foi a dedicada e intelligente directora da educação de seus filhos.

A educação do principe foi confiada desde os primeiros annos á senhora D. Isabel Saldanha da Gama, dama de S. M. a Rainha, que possui os mais preciosos dotes de coração e cultura intellectual. Até 1899 foi aquella illustre senhora a aia dos principes, auxiliada pela valiosa cooperação da senhora D. Carlota Campos.

N'esta época foi Mousinho de Albuquerque nomeado aio, e ainda que lhe faltassem as qualidades para ser um preceptor, era comtudo muito dedicado ao principe e procurava inicial-o nas qualidades de acção, caracter e energia.

E D. Luiz Filippe lembrava-se ainda muito do seu amigo dedi-



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real

O cortejo sahindo das Necessidades

(Cliché de A. C. Lima).

do estudo financeiro da primeira linha ferrea portugueza de Norte e Leste, e o principe verdadeiramente maravilhado perguntou: — Que idade tinha o rei quando escreveu esse relatorio? — Tinha precisamente a idade de Vossa Alteza, dezoito annos.

Ficou o desventurado principe muito admirado e continuou a sentir-se cada vez mais attrahido pelas faculdades de trabalho do rei



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real

Um dos coches passando no Aterro

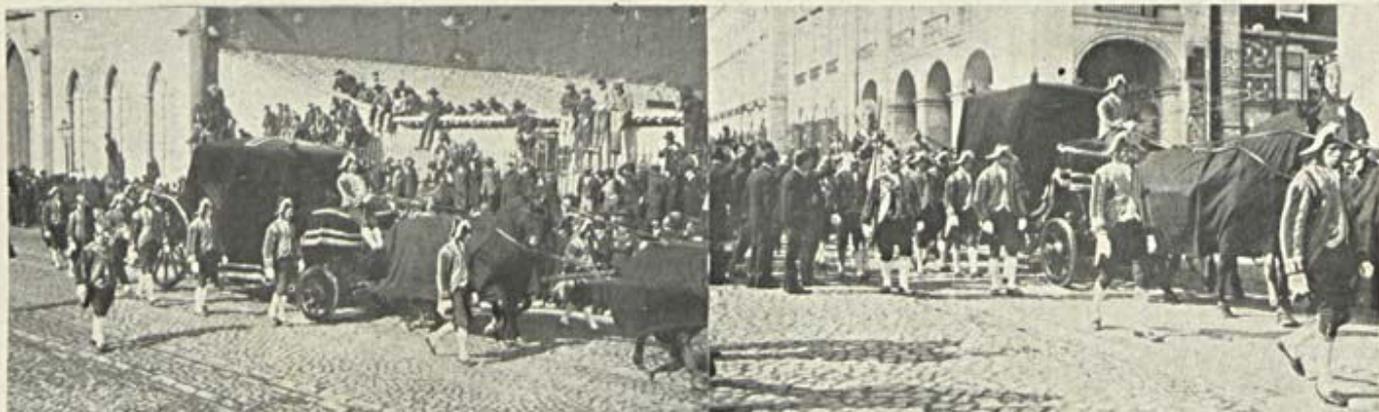
(Cliché de Benoliel).



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real

O cortejo passando no Terreiro do Paço

(Cliché de Raul Bastos — amador).



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real

O coche conduzindo o cadaver do Principe

O coche conduzindo o cadaver do monarcha



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real

A missão franceza

*Conde de Turim e Principe de Hohenzollern,
primo de El-Rei D. Carlos*

cado, o valente heroe de Chaimite, inquirimos nós ha pouco de alguem?

— Frequentemente com saudade e ainda no dia 7 de janeiro ultimo, vespera do anniversario da sua morte, o principe fez em Villa Viçosa todas as precisas recommendações, para que fosse celebrada missa na capella, com a mesma cerimonia dos annos anteriores.

Em agosto de 1899, veio para Portugal o preceptor austriaco sr. Kerausch, que foi encarregado da educação dos principes, o qual pela sua vastissima illustração, pelo seu nobre caracter e com um trabalho persistente, conseguiu que o mallogrado principe real e o actual rei D. Manuel se apresentassem deante da cõrte e de um selecto auditorio, prestando as provas mais inequivocas de um saber profundamente adquirido, á custa de um aturado e bem orientado estudo.

O programma dos trabalhos de S. A. o principe real era traçado

todos os annos, de accordo com S. M. a rainha e desde as seis horas da manhã, até ás nove horas da noite, todos os minutos estavam contados, sem perda de um instante, que não fosse rigorosamente aproveitado para estudos e exercicios physicos.

Os assumptos militares constituíam uma predilecção especial para o sr. D. Luiz de Bragança. Ainda chegou a estudar durante tres annos com notavel aproveitamento, topographia, balística, armamento tactica das differentes armas, sua ligação para o combate, linhas de operações, planos de campanha. Ultimamente estudava as applicações da tactica aos fogos de guerra e fortificação, emprego dos caminhos de ferro.

No estudo e discussão das organizações dos exercitos modernos, mostrou um grande enthusiasmo pela lei de recrutamento do exercito allemão, que se lhe afigurava muito liberal e condemnava por



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Principe Real

Os officiaes inglezes
(Cliché de Benoit).

*Conde de Tattenbach, addido allemão
e os capitães de fragata Botto e Hypacio de Brion*



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real. — Um dos coches chegando a S. Vicente

completo o systema tão immoral das remissões toleradas pela nossa lei vigente.

O ultimo trabalho apresentado pelo principe ao sr. coronel José Joaquim de Castro, seu professor de sciencias militares, foi a resolução de um problema, que versava sobre a marcha e estacionamento de uma divisão no Gradil. N'este problema adoptou as disposições

para a passagem do desfiladeiro de Mafra e guardas de flanco, de fórma a merecer os mais rasgados elogios do seu illustre mestre, que se admirava bastante como o seu augusto discipulo tinha sempre tão boa disposição para o estudo e possuia uma assimilação tão prompta, sem que mostrasse em qualquer occasião uma unica contrariedade no cumprimento dos seus deveres.



Funeral de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real. — O coche conduzindo o cadaver do soberano, chegando a S. Vicente

(Clichés de Benoit).

O príncipe herdeiro começou muito cedo a mostrar uma grande vocação para as mathematicas e era n'este estudo que evidenciava mais facilidade de uma poderosa reflexão. A sua resposta era lenta, mas precisa. Não dizia nem de mais, nem de menos. O príncipe considerava a mathematica como Garrett, encarando-a como uma gymnastica de educação subtil do espirito.

O sr. Marques Leitão orientou-o no estudo da geometria applicada e nas noções historicas da mathematica de Paul Tannery e Ferdinand Hofer. O seu aproveitamento n'este estudo foi observado por lentes de mathematica superior, que, no ultimo exame a que assistiram, colheram impressões de sobejo para ajuizarem do grau de cultura do moço príncipe.

O estudo da litteratura e historia portugueza dirigida pelo sr. Oliveira Ramos versava ultimamente sobre o periodo napoleónico em Portugal e Hespanha.

O seu preceptor, sr. Kerausch, tinha conseguido que o príncipe falasse correctamente, o francez, inglez e allemão e conhecesse profundamente a historia da civilização dos principaes povos.

OS REGICIDAS.—Na morgue



Alfredo Luiz da Costa



Manuel dos Reis da Silva Buissa

(Clichés de A. C. Lima).

Muitos outros factos poderíamos aproveitar e que são confirmados por numerosas testemunhas, para enaltecer as qualidades do estudante distincto, mas não nos permite o pouco espaço de que dispomos n'um ligeiro artigo de revista.

Devemos dizer tambem, que o príncipe estudou as sciencias physico-naturaes, como professores como os srs. Achylles Machado e Alberto Girard.

O caracter, o príncipe na intimidade

Ha muitos factos que poderíamos citar para fazer sobressahir a grandeza de caracter de Sua Alteza, mas citaremos um, passado ha pouco, por occasião da sua partida para a visita ás nossas colonias.

Quando se despediu d'um seu amigo dedicado, no arsenal de marinha, perguntou-lhe:

— Que deseja que eu lhe traga d'África?

— Desejo que Vossa Alteza regresse com saude, e atrevo-me a fazer-lhe um pedido. Jazem na Africa Oriental os restos d'um grande amigo meu e d'um portuguez notavel, que se chamou Caldas Xavier. Pedia-lhe pois, que se tivesse occasião, venerasse a sua sepultura e se lembrasse lá de mim n'esse momento.

O príncipe não só cumpriu religiosamente o que lhe foi solicitado, como tambem trouxe do campo de Marraquene, um involucre de cartucho, da espingarda Snider, tendo inscripta a data em que foi apanhado: 1 de agosto de 1907 e que entregou ao seu amigo no regresso, logo que o avistou no arsenal.

Acceptava sempre de boa mente todos os conselhos que tinham em mira uma acção educativa. Nunca deixou de agradecer qualquer insignificante fineza, até mesmo aos seus criados quando lhe serviam um copo d'agua.

Apoiava e enaltecia tudo quanto podia engrandecer o nosso paiz, assim por exemplo, a Sociedade Propaganda de Portugal mereceu-lhe as mais elogiosas referencias.

Ainda temos bem presente o entusiasmo com que elle nos falou no futuro de Portugal, depois da sua viagem ás colonias e como estava convencido, de que Portugal ainda era uma grande nação e como admirava o desenvolvimento da riqueza agricola colonial e a acção da iniciativa particular.

O príncipe tinha grande predilecção pelos trabalhos de architectura e ornamentos. Era um photographo amator dos mais distinctos e tinha-se dedicado ao estudo para obter clichés contra luz, com effeitos de poentes lindissimos, como talvez não haja entre nós quem possua uma collecção tão original.

Embora o príncipe não encontrasse difficuldades nas linguas estrangeiras, preferia a litteratura allemã, a qualquer outra e muito especialmente Schiller e Grillparzer.

A sua acção caritativa exercia-se quasi que clandestinamente e agora é que estão sendo conhecidos muitos factos que eram ignorados no Paço e que traduzem quão rasgada era a sua generosidade.

O príncipe, tratado na intimidade, era dotado d'uma bonhomia das mais captivantes. Sobre este ponto julgo que não haverá tambem uma unica discordancia.

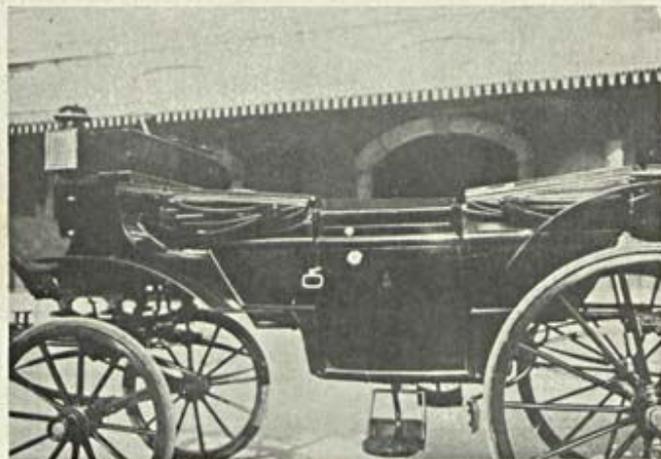
A par da educação intellectual e moral, a sua educação physica era igualmente cuidada, revelando notaveis aptidões para o manejo das armas, equitação e tiro.

..

Bem sabemos que a morte chega a todos em condições mais ou menos afflictivas, mas o destino não foi justo, foi crudelissimo com esta morte tão profundamente lamentada pelo sentimento nacional; porque ella representa um infortunio immerecido para quem tanto se consagrou á educação primorosa de um filho muito querido. Curvamos-nos resignados perante esta enorme fatalidade.

Com as lagrimas da augusta mãe e irmão extremosissimos, imersos n'estes dias de luto na mais avassalladora incerteza e afflicção, vimos que se confundiram muitas outras, que brotaram espontaneas, candentes e irreprimiveis, e são testemunho eloquente da parte que os corações humanos em todos os paizes civilizados tomaram n'esta immensa e lancinante desgraça.

Jacs.



«Landau» em que vinha a familia real na tarde do attentado. Veem-se n'elle os signaes d'algumas balas

(Cliché de Benoit).